

CAPÍTULO I

Inocência perdida

Caía uma chuva torrencial no vilarejo quando June nasceu, o que talvez tenha influenciado sua personalidade simples e ao mesmo tempo enigmática. A mãe, Esperança, sempre a comparava com as tempestades, especialmente quando agia com sua natural impetuosidade, mesmo ainda quando criança.

Costumava passar o maior tempo do dia calada, imperceptível e murmurando pensamentos para si, quando do nada irrompia em choro, quando bebê, ou com alguma pergunta estranha, quando maior.

Na maioria das ocasiões conversava com personagens imaginários em lugares lendários e desconhecidos, onde quase sempre se metia em mil aventuras nas quais era a heroína. Guerras imaginárias eram travadas em sua mente lúdica, onde o bem sempre vencida o mal. Mas nessa época June ainda não entendia o que era o bem ou o que era o mal. Sua imaginação ainda não conhecia esses limites e como toda criança sua inocência ainda era ilimitada e pura.

Todo dia levantava-se com os pais ainda de madrugada, muito antes de o sol despontar, e corria ainda de pijama junto à porta do banheiro ver seu pai, Pablo, lavar o rosto. Sentia indizível admiração ao ver as grandes mãos se abrirem em forma de conchas para aparar água e jogar no rosto e, nesses momentos, desejava um dia ter grandes mãos como as dele.

Tomavam o desjejum logo após esse ritual diário. Nos dias de abundância, este consistia num pedaço de bolo com

café preto, mas nos dias em que a situação da família estava apertada, June se contentava apenas com o café preto que a mãe lhe servia. Não sentia desejo de nada nem jamais se queixava de algum luxo que os pais não podiam comprar, pois em sua felicidade de criança, o mundo era perfeito e as coisas eram desse modo porque deveriam ser.

Após o café, os três percorriam a pé uma pequena distância até a casa dos avôs, onde June permanecia durante o dia, enquanto os pais tomavam a condução para o trabalho nas lavouras, retornando apenas ao cair da tarde.

Nessa época, os dias eram sempre iguais, mas não se sentia entediada por isso, pois com sua criatividade tornava-os diferentes e através dela permitia-se a inúmeras diversões, até mesmo nos momentos em que em obediência à avó ficava a recitar orações para memorizá-las.

Sempre quando isso acontecia, perguntava a si mesma se nas igrejas as pessoas não estariam fazendo o mesmo e sentia medo de que Deus pudesse se zangar. Foi então que teve a ideia de conversar com Deus ao invés falar aquelas palavras decoradas e assim fazia todas as noites quando todos já estavam dormindo.

Aos finais de semana a rotina era quebrada alegremente com algum passeio, que às vezes consistia em almoçar na casa dos avôs ou numa caminhada pelo pequeno jardim, após a missa, onde podia sentir o cheiro dos pinheiros e correr em volta da fonte. Quando a situação dos pais assim o permitia, tomavam sorvete.

O mundo era perfeito e June sabia e sentia essa imensa felicidade dentro de si e naqueles que lhe eram caros, pois, em sua inocência, não visualizava a existência de limitações tais como a pobreza, a doença, os conflitos entre os homens

ou entre países. Apenas se permitia ser feliz e, a seu modo, queria todos felizes. Por isso, não se apegava a frustrações, rancores ou outro qualquer sentimento semelhante. Apenas queria ser feliz e fazer todos os outros felizes.



Quando June completou seis anos recebeu da mãe a notícia de que iria à escola no ano seguinte, o que afetou enormemente o imaginário mundo em que vivia perdida. O que seria uma escola e o que aprenderia? O pai lhe dizia que aprenderia a ler, mas June não acreditava nisso, pois pensava que ler seria tarefa muito difícil ou quase impossível, uma coisa somente reservada a adultos.

Nessa época a situação financeira da família havia melhorado um pouco, pois a mãe pôde deixar de acompanhar o pai nas lavouras, permanecendo durante os dias em casa atendendo eventuais encomendas de pães e doces das mais diversas espécies.

Como ainda faltavam cinco meses para o início das aulas, a mãe tomou a decisão de ensinar o pouco que sabia a June, que neste curto espaço de tempo conseguiu aprender a distinguir todas as letras do alfabeto. Sentiu-se orgulhosa de si por ter aprendido a escrever seu nome e o do irmãozinho Henri.

Foi o primeiro mergulho de June no mundo do conhecimento e, sorratamente, apaixonou-se por ele, mesmo sem saber. Imaginava-se lendo livros e os jornais e, principalmente, tendo a liberdade de escrever. Pela primeira vez em sua tenra vida pensou na tal liberdade e questionou-se sobre o assunto, pois há muito escutava falar dela em todos os cantos. Uns conversavam baixinho, outros subiam em

grandes palcos montados em ruas enormes falando alto para milhares de pessoas.

Gritando em microfones, diziam que o país estava mergulhado numa ditadura e, muito embora não soubesse o que isso significava, June percebia que não era uma boa coisa e tinha ligação com a falta de liberdade. Na televisão viam-se milhares de pessoas em passeatas exigindo-a, mas não conseguia entender a quem pediam e para que a desejavam.

Para June a liberdade viria no momento em que conseguisse ler e escrever. O que aconteceria depois não sabia, apenas imaginava-se numa grande sala com enormes prateleiras cheias de livros, que o pai dizia chamar-se biblioteca.

Quando finalmente chegou o momento de ir à escola, mal pôde dormir à noite de tanto medo e ansiedade, pois estava prestes a ingressar num caminho desconhecido, que a levaria para a tal liberdade.

Neste dia levantou-se cedo, como de costume, e esperou a mãe que a acompanhou até a escola. Ao ingressar no prédio, a garganta secou e ficou apavorada, pois jamais havia visto tantas pessoas juntas. Quis ir embora, mas não mencionou o assunto à mãe, que parecia estar muito contente.

Ao sentar em sua carteira, June estava tensa, mas foi acalmando-se à medida que a professora conversava com os alunos. Viu, então, que a sala estava repleta de meninos e meninas de sua idade, de todas as partes do vilarejo.

Seu coração alegrou-se com a possibilidade de ter amigos e ficou meditando no que pensavam ou do que

brincavam durante o dia. Será que também estavam em busca da tal liberdade? Não conseguiu perceber nada, mas aprendeu muitas coisas e ao retornar à casa mal conseguiu contar tudo à mãe.

Assim passou a ser a rotina de June e, mesmo introspectiva como era, conseguiu fazer amigos. Em pouco tempo sua inteligência e percepção fizeram com que se destacasse na sala de aula, sendo considerada por todos como uma aluna aplicada. Para June nada disso importava e não percebia que dentro da sala de aula a professora, em silêncio, comparava o desempenho dos alunos de modo a distinguir os fracos dos fortes.

Um dia, porém, aquilo que não era perceptível tornou-se aparente. Os professores conversavam durante os intervalos entre as lições e discutiam sobre algo que não conseguia entender. Ao final da aula, entretanto, a professora comunicou aos alunos que a direção da escola estaria separando aqueles que fossem considerados fracos dos fortes, listando um a um aqueles que fariam parte da classe dos fracos.

June não foi enviada àquela sala, mas uma pequena sombra passou em seu coração. Como poderiam medir as pessoas desse modo? E por que razão alguém que era considerado fraco tinha que ser separado dos demais? Viu tal situação como algo muito ruim, por isso se condeou dos colegas e solicitou que fosse enviada juntamente com eles, o que não foi aceito pela professora.

Desse modo, até prova em contrário foi considerada pela direção como uma aluna forte, mas isso não significou que em seu íntimo aceitou essa posição e, pela primeira vez na vida, olhou-se num espelho e percebeu-se como um ser humano, dentro de uma sociedade que a considerava forte,

muito embora sentisse dúvidas sobre isso. Seus pensamentos, palavras, vontades e ações eram únicas e diferentes de todos os demais.

Tal descoberta fez com que se tornasse ainda mais calada. Não foram poucas as ocasiões em que, absorta em pensamentos, esquecia-se do mundo em sua volta e tal esquecimento advinha do fato de tentar entendê-lo. Agora sabia que as pessoas eram separadas em fracas e fortes e estes eram considerados melhores que os outros. Porém, não tinha certeza se isto implicaria alguma coisa para além de separarem as crianças em classes distintas.

Por algum tempo esqueceu o assunto e tudo transcorreu normalmente como antes, exceto pelo nascimento da irmã Isaura, nessa época. Passava boa parte do dia cuidando do bebê para a mãe, brincando e cantando, mas às vezes tal idílio era interrompido por alguma briga mais séria com o irmão, obrigando a mãe a separá-los mediante chineladas.

June era simples e educada, muito embora não tivesse os modos refinados das outras meninas. Foi criada para assumir responsabilidades junto à família e à casa, e muito pouco sabia das diferenças que diziam haver entre meninas e meninos. Para ela todos eram iguais. Não aceitava que meninas somente deviam brincar com brinquedos de meninas e que meninos pudessem brincar apenas com brinquedos de meninos. Por que razão tanto meninos e meninas não podiam gostar das mesmas brincadeiras?

Mas as outras crianças não achavam o mesmo e viviam zombando de June, seja pelos seus cabelos um pouco mais curtos que as demais meninas, seja pelo fato de se interessar por todos os tipos de brincadeiras. Um dia passaram a lhe chamar de “*macho-fêmea*” e a perseguiram durante todo o percurso da escola gritando aos quatro ventos esse nome

que tanto a ofendia. Inicialmente, movida pela ira, correu atrás daqueles que gritavam, mas desistiu quando percebeu sua impotência para fazer com que parassem.

Voltou à casa arrasada pela tristeza e cansaço, mas não teve coragem nem forças para contar a alguém o que lhe aconteceu e à noite, enquanto todos dormiam, perguntou a Deus por que foram tão cruéis com ela, pois não havia feito nada. Não houve resposta e June passou a achar que Deus não costumava responder com tanta facilidade as perguntas que lhe faziam, uma vez que devia ser muito atarefado.

Chorou no silêncio da noite pela primeira vez desde o ocorrido, uma vez que sentia vergonha de chorar na frente dos outros, pois lhe disseram que somente os fracos choravam.

Mergulhada em reflexões, achava estranho o fato de que todos aqueles que a ofenderam, estavam na classe dos fortes. Perguntou a si mesma se a crueldade não seria um atributo dos mais fortes e refletiu se não deveria ser cruel também, pois diziam que ela também fazia parte dessa classe.

Não conseguia achar respostas, mas tinha a certeza que jamais conseguiria ser cruel com os outros do modo que foram com ela. Adormeceu se perguntando por que os homens são tão cruéis uns com os outros e em seu subconsciente acreditou-se fraca demais para ser cruel como os mais fortes.

No dia seguinte quando viu seu reflexo pálido no espelho, teve a certeza de que pertencia ao lado dos mais fracos e na escola limitou-se a aceitar calada todas as zombarias que os colegas religiosamente lhe impingiam todos os dias. Descobriu-se sem amigos verdadeiros e aceitou isso como um

destino que se desvendava em seu horizonte, pois ao pensar que era fraca, inconscientemente, começou a se enxergar como excluída dos demais e fracassada em tudo que tentava fazer.



Toda a sua alegria ia morrendo, embora não aparentasse amargura. Por que simplesmente não a aceitavam como era? Por que os colegas não queriam sua amizade? Agora, tinha medo de todos, pois pensava que podiam lhe fazer algum mal.

Um dia, porém, aconteceu algo que fez June esquecer, por um tempo, de todas as zombarias. Estava só no pátio da escola quando duas meninas vieram a seu encontro. Ambas estudavam na classe dos fracos e, portanto, não faziam parte da turma daqueles que lhe foram cruéis e pareciam querer conversar. Assim nasceu a amizade entre June, Carla e Jeane.

Passavam a maior parte do tempo juntas, conversando sobre milhares de assuntos, brincando de tudo um pouco. Carla e Jeane eram como June, gostavam de todos os tipos de brincadeiras e para elas não tinha importância se algumas eram só de meninos.

Às vezes jogavam bola, outras brincavam com bonecas, mas gostavam mesmo é de brincar de pega-pega ou mãe da rua. Quando alguém vinha zombar de June, Carla, que era mais velha e mais alta, não deixava, pois leal como era não admitia esse tipo de violência contra as amigas.

Curiosamente, Jeane e Carla eram consideradas fracas, mas a lealdade e bom senso não as faziam mais fortes que os outros considerados fortes? Um novo conflito interno tomou

conta de June, pois não conseguia entender como as amigas poderiam ser consideradas fracas, possuindo qualidades tão nobres, enquanto aqueles a quem todos consideravam fortes eram tão cruéis. Entendia menos quando via que as demais crianças os tomavam como líderes.

Cansou de tentar entender e limitou-se a aceitar as coisas simplesmente como eram, ao menos em aparência. No terreno de suas emoções, porém, passou a detestar todos os líderes, todos aqueles que eram considerados fortes e toda a crueldade que existia neles, pois todo líder era cruel e toda crueldade era atributo dos mais fortes. Diante de tal conclusão, adotou como certeza a sua fraqueza e não se envergonhava disso.

Nessa época, June, que era calada e introspectiva, tornara-se mais sonhadora do que nunca. O mundo dos livros, em que havia mergulhado, levou-a para um lugar onde somente aqueles que inventam histórias poderiam ir e, durante os momentos em que não estava auxiliando a mãe em casa ou brincando com as amigas, ficava por horas imaginando histórias novas que se passavam em outros mundos ou em outras épocas. Às vezes a história se passava na época dos cavaleiros, outras no espaço sideral, mas a maioria no meio da selva ou na praia. Gostava de se imaginar na selva e na praia, pois tinha o desejo de um dia visitar esses locais.

Um dia a mãe contou a ela e aos irmãos que iriam fazer uma viagem ao litoral. Há tempos a situação da família havia mudado radicalmente. O pai havia comprado um caminhão para trabalhar e isso lhe proporcionava um ganho maior e menor esforço, enquanto a mãe passou a se dedicar ao

comércio de artigos diversos, tais como roupas, sapatos e brinquedos.

Era a primeira viagem que a família fazia para tão longe. June mal pôde conter a euforia e ansiedade, pois finalmente iria conhecer o mar, aquele que povoava todos os seus sonhos e era figura principal de seus livros imaginários.

Durante a viagem, que foi feita de carro, June não quis dormir com medo de não conseguir ver o mar e, ao amanhecer, quando finalmente deparou-se com aquele cenário, uma alegria imensa tomou-lhe. Sentiu-se parte daquele todo e teve vontade de mergulhar naquela imensidão.

O que existia no fundo do mar? Havia cidades debaixo d'água? Será que somente existem os peixes? Queria descobrir os segredos do oceano e ficou a sonhar em ser mergulhadora quando crescesse e repetiu a si mesma que um dia viveria apenas debaixo d'água.

Foram os dias mais felizes de sua vida até então e a todo instante tinha medo de acordar e ver que tudo não passava de um sonho. Quando retornou de viagem sentiu que um pedaço daquele mar retornou com ela. June jamais esqueceria a primeira vez em que tocou na água salgada ou no momento em que sentiu aquela areia debaixo dos pés, pois havia experimentado pela primeira vez a euforia de ver de um sonho se tornar realidade.



Paralelo ao mundo de June, outro mundo desenrolava-se em seu país naquele tempo. A ditadura havia terminado recentemente e um novo presidente havia sido eleito pelo congresso, sem a participação do povo. Antes, porém, da

posse ser realmente concretizada, sua morte foi anunciada, para desespero dos partidários da democracia. Assim, a solução tangencial foi empossar o vice, aos arrepios da lei, tamanho era o medo do retorno à era ditatorial, com todos os abusos, falsidades e perseguições.

A situação política na época era instável e o país encontrava-se em uma crise econômica que o conduzia ao abismo. Por todos os lados ouvia-se que a inflação engolia salários e que os preços estavam cada vez mais altos. Alguns mais ousados limitavam-se a gritar em altos brados que na época ditatorial tais problemas não existiam, enquanto os mais esclarecidos buscavam mostrar ao povo que a fase negra em que se encontravam resultava da inabilidade administrativa daqueles que conduziram o país durante o período ditatorial.

O povo, porém, nada compreendia desses assuntos, limitando-se a repetir apenas o que viam e ouviam nos noticiários. A grande massa popular mal sabia o que era democracia, muito menos compreendia a diferença entre ela e a ditadura. Nas escolas o conteúdo ensinado, durante mais de vinte anos, consistia num programa rigorosamente controlado pelo Estado e os poucos que chegavam às faculdades eram vigiados pelos órgãos policiais desse sistema.

Todas as vozes que se levantaram foram silenciadas, em sua maioria mediante situações ainda hoje não esclarecidas e outras através de exílios. O restante limitou-se ao acomodamento diante da situação, preferindo permanecer na ignorância política a buscar esclarecimento.

Assim como foi dito anos mais tarde, não era de se espantar que o movimento democrático partisse das mesmas elites que fomentaram a ditadura. O povo não possuía

amadurecimento para compreender a democracia e por isso sujeitou-se ao governo opressor. Quando este não estava mais de acordo com os interesses das elites, a democracia foi novamente implantada e, quando esse momento chegou, os meios de comunicação cumpriram fielmente sua tarefa de insuflar as massas populares para representarem seu papel, mediante a promoção de passeatas.

No meio de tanta turbulência, o Congresso Nacional, eleito pelo povo, promulga a primeira Constituição do período pós-ditadura, estabelecendo as bases institucionais da democracia que se instaurava e que demoraria a se afirmar. Por todo o país, exemplares da Constituição foram distribuídos nas casas do povo cidadão, que muito pouco compreendia de seu conteúdo.

Em verdade, para o povo aquele livro de escrita difícil nada significava, pois muito embora promettesse como bases da democracia o respeito à dignidade humana, tomando como diretrizes, entre outras, a erradicação das desigualdades sociais e o combate à pobreza, o país encontrava-se mergulhado na miséria, com problemas primários tais como a falta de saneamento básico, com uma grande cota de seres humanos em situação semelhante à indigência, vivendo em situação subumana. Para o povo, a Constituição de nada significava, não passando de palavras escritas em um papel e, como se dizia, papel aceitava tudo.

Por esta razão, a Constituição foi recepcionada pelas massas com a mais absoluta apatia. A mesma que acompanha todas as leis, pois o mundo acostumou-se com o pensamento de que quanto mais leis regerem um país, mais civilizado ele será, muito embora em realidade isso só ateste ao mundo que o homem mais regride em sua civilidade. Para

os animais selvagens criaram-se jaulas, para o homem moderno inventaram as leis.



A tarde caía devagar naquele dia em que June, sentada no sofá da casa dos avôs, viu a tia chegando com aquele livrinho bonito, com a bandeira do país impressa na capa. Ficou hipnotizada e indagou o que seria. Ela, vendo o interesse da menina, deu-lhe o livro, explicando que se tratava da Constituição do país e que todas as demais leis deveriam obedecer ao que estaria escrito nela. Mal pôde conter a admiração e o profundo respeito que sentiu ao escutar em silêncio a explicação. O que carregava nas mãos era algo valioso.

Ao chegar a casa, June abriu a Constituição com o objetivo de ler o que ali estava inscrito, mas pouco compreendeu de seu conteúdo. A linguagem utilizada era muito difícil e meditou sobre esse problema por um longo tempo. Não conseguia entender a razão de se utilizar palavras tão difíceis, pois a tia lhe explicou que todos os habitantes do país receberam um exemplar da Constituição.

Do que adiantava possuírem um exemplar se não pudessem compreender o que ali estava escrito? Imaginou que se todos deviam ter um exemplar, certamente, havia algo que pudesse compreender e ficou horas folheando aquelas páginas em busca de entendimento.

Quando finalmente pensava em desistir, algo lhe chamou a atenção. No meio de muitas letras e sinais que não compreendia, leu a frase que lhe marcaria o resto de sua vida: *“todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se a inviolabilidade do direito*

à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade...".

O que ali estava escrito não podia ser mentira, pois era a lei maior de seu país. Porém, se tudo era verdade, então o mundo era uma mentira? Quando assistia aos noticiários, via frequentemente pessoas morrendo de fome ou por doenças em longas filas nos postos de saúde, sem contar nas guerras que povos distantes travavam, aparentemente sem motivo algum. A situação ficava ainda mais confusa quando imaginava o desperdício de comida que muitas pessoas prósperas faziam todos os dias, além de serem tratados por médicos particulares.

Tudo era uma mentira ou o que havia lido é que era? Se todos os homens eram iguais, por que algumas pessoas eram tratadas como reis e outras como animais? Por que a vida de alguns parecia ser de mais valia que a vida de outros? Por que os homens se enfrentavam em guerras matando-se?

Passou dias e mais dias acabrunhada com tais perguntas e concluiu que o mundo era injusto, pois nem mesmo a Constituição era obedecida. Ela mesma já tinha sentido na pele o que era ser tratada com desumanidade, com crueldade.

Quantas pessoas estavam, naquele momento, vivenciando e compartilhando de seus sentimentos? Quantos sentiam a dor de serem tratados desigualmente num momento em que o correto seria o tratamento igual? Quantas vidas eram perdidas todos os dias por causa da fome, da doença e das guerras? Como o mundo podia admitir que uns poucos tivessem de tudo enquanto a maioria nascia e morria sem nada?

As sombras cobriram de vez seu coração, ao ver revelado diante de seus olhos os paradoxos que moviam o mundo que a cercava e, quando a tristeza se apossou de vez de seus sentimentos, a revolta passou a penetrar-lhe a alma sem que percebesse.

As pessoas nasciam e morriam destinadas a serem fracas ou fortes, sendo que estes eram cruéis e utilizavam a crueldade para obterem reconhecimento e assim tornarem-se líderes dos demais. June contava apenas com nove anos quando seu coração foi tomado pelo sentimento de transformar o mundo num local mais justo, o que destruiu de vez a inocência pura que acompanhava a sua meninice.